



REVISTA SPHERA

Habitações do Encantado

 Fazer login

Esqueci-me de dizer-te, na carta que escrevi há dias,
que moramos à Rua Malvino nº 50, no Encantado.

Cruz e Sousa

 Pesquise em Sphera

CASA

SOBRE

CHAVE DE CASA

HABITAÇÕES

HABITANTES

DOSSIÊS

NÚMEROS

C

 Revista Sphera · 27 de dez. de 2024 · 10 min de leitura

AffonCinÁvila: filme de Eleonora Santa Rosa celebra o poeta Affonso Ávila



Affonso Ávila (1928/2012), um dos mais importantes poetas brasileiros do século XX, também ensaísta e referência fundamental na pesquisa sobre o Barroco mineiro, em cena do documentário Cristina, 1300. Foto: Divulgação

O endereço residencial do poeta, ensaísta e pesquisador Affonso Ávila em Belo Horizonte tornou-se referência internacional de pujança cultural, grandes encontros e celebrações poéticas durante várias décadas. O "solar dos Ávila", como exprimiu Haroldo de Campos certa feita, ficava na Rua Cristina, 1300, no bairro Santo Antônio, e lá, ao lado do poeta, vivia sua companheira Laís Corrêa de Araújo e os filhos também ligados à literatura: o poeta Carlos Ávila, a escritora e historiadora Cristina Ávila e a tradutora e professora Myriam Ávila. Sobretudo, nos anos de chumbo, de ditadura militar, nos anos 1960 e 1970, a Rua Cristina, 1300 desempenhou papel agregador, acolhendo escritores, artistas e intelectuais mineiros, de outros estados e também estrangeiros.

Neste 2024, quando o Golpe de 64 completou 60 anos, a Rua Cristina, 1300 ressurgiu insurgente nas telas do cinema graças a uma profunda conhecedora da história da casa, de Affonso Ávila e da dinâmica cultural belorizontina, contextual, que os acercava: Eleonora Santa Rosa. O filme "Cristina 1300 - Affonso Ávila, homem ao termo", já exibido em várias paragens, não é apenas justa homenagem ao grande poeta, mas uma intervenção crítica no agora desmemoriado que temos amargado, resgate de um tempo humanista que, se dermos por perdido, a própria cultura brasileira se perderá na vaziez digital, institucional. Sphera disponibiliza aqui, como reconhecimento ao gesto da Diretora, a apresentação do filme, um poema inédito de Affonso Ávila, cenas e fotos do filme. (Anelito de Oliveira)

Cristina, 1300

EDUARDO DE JESUS

Ao longo do tempo as relações entre cinema e literatura foram construídas de inúmeras maneiras. Às vezes, relações de proximidade, outras de afastamento e tensão combinando elementos históricos e contemporâneos em contextos artísticos cada vez mais hibridizados. Já a poesia em sua dimensão formal realoca as linhas de

força entre palavra e imagem ampliando sentidos e significações. Operações de linguagem que redistribuem as fronteiras entre as derivas da imagem e suas conexões com a palavra, tensionando as escalas da significação em um infinito jogo de possíveis. Ampliando ainda mais, as passagens entre a palavra e as imagens em movimento aproximam as tradições da edição de textos da literatura e a da montagem das imagens do cinema em um diálogo sensível, repleto de atraentes riscos. Como uma faca de dois gumes, o manuseio da edição-montagem dá novo sentido ao corte reelaborando linguagens em formas híbridas, como se estivessem sempre em trânsito entre um domínio e outro.

Foi em torno dessa abordagem – potencializando a força poética-visual da palavra – que Eleonora Santa Rosa concebeu o documentário “Cristina 1300 – Affonso Ávila - Homem ao termo”, sua estreia na direção cinematográfica. Santa Rosa em seu primeiro longa (codireção com Marcelo Braga, 60 min, 2023) toma essa robusta tradição das relações entre palavra e imagem em movimento para nos apresentar o universo poético de Affonso Ávila (1928-2012) em sua vida literária. Poeta incontornável da tradição construtivista e experimental brasileira, Ávila foi ainda um intelectual engajado na reflexão e na crítica, especialmente em torno do Barroco Mineiro, referência importante de sua produção ensaística e poética. Distante dos filmes biográficos mais tradicionais sobre escritores e poetas, normalmente ancorados nas palavras de comentadores e especialistas, “Cristina 1300...” mostra a escolha ousada de sua diretora de tomar o signo poético fazendo-o emergir potente em sua forma sonora e visual, sobretudo na voz do poeta. As relações entre os registros sonoros e visuais trazem a palavra em destaque na tela criando novas dobras de significação. Tudo se abre em uma operação verbivocovisual que ao tangenciar as especificidades dos códigos da imagem em movimento nos revela a força e a singularidade da poesia de Ávila.

Vemos no filme o poeta redimensionando os limites simbólicos de seu território. Heterotopia do vasto mundo, a casa da rua Cristina, número 1300, torna-se cidade, estado e país, como vemos nas entrevistas e depoimentos de Affonso conduzidos de forma precisa por Santa Rosa. Território que cresce em proporções, reinventando os limites da casa. Território fabulado, onde Ávila viveu grande parte de sua vida e constituiu sua família com a também poeta e escritora Laís Corrêa de Araujo (1928 – 2006). Não por acaso, no documentário, logo depois da disruptiva leitura do radical e irônico “Por que me ufano de meus pais” (*Código de Minas*, 1969) que apresenta o poeta e seu nome: “ah!fonso”, vemos imagens prosaicas de Affonso Ávila saindo de sua casa. Depois da sequência eloquente com cortes rápidos que intercalam as imagens do poeta e o belíssimo teto da Matriz de Santo Antônio, em Itaverava, de Manuel da Costa Athaide, a simples saída de casa.

São duas sequências que marcam questões importantes no filme. De um lado a saída de seu território, o encontro com a rua e o fora: o poeta se dando a ver como gesto fundante do documentário. De outro o homem comum, ligado a força política e afetiva da dimensão cotidiana na vida. Há um interessante paradoxo entre estas duas breves sequências de imagens logo no começo que Eleonora habilmente, e escapando do lugar comum, fez espraiar de forma inspiradora e poética por todo o filme.

Em “Porque me ufano de meus pais” Ávila se reporta ao livro do Conde Afonso Celso, “Por que me ufano de meu país”, publicado em 1900, e subverte a referência a que se endereçou na genial repetição de uma estrutura sonora que ironiza a si próprio e seu nome em uma vigorosa operação poética. “affonso excelso barroco de ahs! e silêncios”. Logo na imagem seguinte, após os créditos de abertura do filme, o poeta como homem comum, como um cidadão qualquer da cidade, que aprecia distraidamente as rosas de seu jardim. Apesar de toda invenção e subversão dos cânones da poesia, das múltiplas referências presentes em sua obra, Affonso faz isso sem estardalhaço. É como se vissemos a superfície silenciosa e tranquila de um lago, mas que em sua profundidade ecoa uma intensa e contínua explosão. O homem comum e sua poesia singular, como sutilmente o filme de Eleonora Santa Rosa nos faz perceber.

Tudo isso, sabemos, só é possível graças a uma intensa cumplicidade – um diálogo constante ativado por uma proximidade cotidiana e íntima – entre Affonso e a diretora, como nos sinaliza o sensível texto de entrada no filme. Eleonora nos diz “(...) tive a sorte e o privilégio de privar de sua convivência por 31 anos. (...) Sinto imensa falta de sua presença atenuada pela leitura constante de seu legado.” Trata-se da visão pessoal de Santa Rosa, no entanto, calcada em uma leitura extremamente atenta e sensível da vida-obra de Affonso pela sua produção poética. O desejo que o poeta seja cada vez mais conhecido e sua obra aclamada por sua potência singular, questão que, de alguma forma, impulsiona o documentário e que também aparece no texto introdutório da diretora.

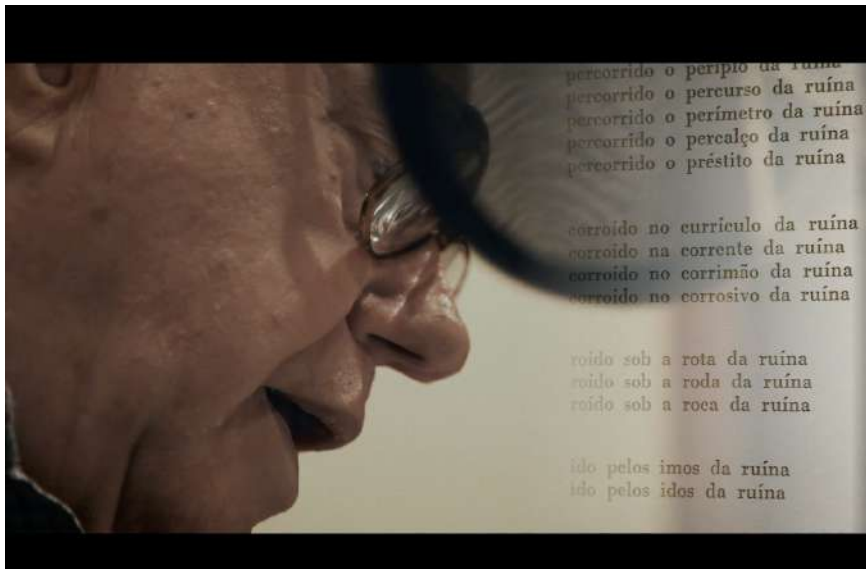
Por isso, certamente vemos o filme atravessar a obra do poeta desde o início até os últimos poemas, inclusive um inédito, em uma inventiva trilha não linear. A maior parte da rigorosa seleção de poemas foi realizada pela diretora juntamente com o poeta antes e durante o período das gravações realizadas em 2011 e 2012, que integrariam o então futuro documentário. A vida do poeta contada pelo conjunto de poemas, nos mostrando o tempo passar. De seu território simbólico Affonso nos revela como se deu seu interesse pela poesia, sua relação com as cidades de Belo Horizonte, Itaverava e Ouro Preto, um pouco de seu método de trabalho, comenta seus livros, fases e filiações. Tudo se expande nas relações com as imagens. Eleonora na direção do manejo da edição-montagem, na relação entre palavra e imagem elabora – tanto no expressivo conjunto de entrevistas e depoimentos quanto nas leituras de seus poemas e nas animações que ocupam a tela – a força de uma produção poética densa, extremamente inventiva e ousada da qual exala um alto teor crítico alcançado pelo uso radical da linguagem.

Ao longo do filme conhecemos a vida literária de Affonso Ávila. Seus poemas em suas múltiplas materialidades nos guiam, ativam e constroem pontes e conexões entre passado e presente, entre a história do Brasil, o coletivo e a subjetividade da figura do poeta, num jogo que se abre em muitas linhas. Eleonora construiu transversalmente na direção – na tensão entre edição de texto e montagem da imagem – a trajetória poética de Affonso.

A proximidade com o poeta e com as dinâmicas de seu léxico poético permitiram a Santa Rosa trazer para a estrutura do documentário a mesma precisão e rigor com que Ávila corta e sobrepõe palavras, frases e referências em seus poemas. Esse gesto de montagem-edição é uma escolha visual e de encaminhamento narrativo que imprime ao filme uma constante abertura das significações. As palavras habilmente figuram na tela reterritorializando seus sentidos assim como as imagens que se misturam a elas na singularidade de suas relações. Aos poucos somos apresentados a um repertório de signos que habitam o universo da obra de Affonso Ávila.

O “&”, como in(ter)venção poética e gráfica do livro *Cantaria Barroca* (1973-1975) desenvolvida pelo poeta e artista gráfico Sebastião Nunes, torna-se outra matéria na articulação proposta por Santa Rosa. Como forma de tradução, passagem quase impossível de uma linguagem a outra, Eleonora faz da cantaria poética e gráfica de Nunes e Ávila pura duração, cinemática que constitui um elemento dinâmico, para unir e atravessar as partes do filme compondo um contínuo heterogêneo. O resultado é uma forma híbrida da palavra-imagem que se estabelece entre a força dos impressos, revelando texturas e volumes típicos do papel, e a imagem em movimento. Figuram no filme – como um deleite visual, intrigante e desafiador – as belas passagens entre a imagem filmada dos livros, as imagens em movimento e as animações que nos endereçam ao inventivo universo gráfico que caracterizou alguns dos livros de Affonso. Um traço de absoluta coerência imagética e conceitual entre as passagens do impresso ao documentário, da palavra impressa à palavra filmada. Com isso, vemos que o filme de Santa Rosa traz a visão pessoal adensada na pesquisa e na experimentação audiovisual que em sofisticadas operações de linguagem nos revela a dimensão poética da vida de Affonso Ávila. Proust dizia que “a verdadeira vida, a vida enfim descoberta e esclarecida, a única vida portanto realmente vivida, é a literatura”. É em torno dessa chave que Santa Rosa inventivamente ancorou seu filme. Poesia que se entrelaça à vida para pontuar os períodos históricos que Affonso, em sua verve crítica e posicionada, refletiu com sua produção. Ao mesmo tempo esses pontos se expandem colocando-os em contato direto com as forças do tempo presente. A ditadura militar aparece em uma das mais belas e expressivas sequências do filme. Com elaboradas e sutis sobreposições de imagens, quase sombrias, do casario barroco que se ergue a beira da estrada surge na tela o poema “Passagem de Mariana” do livro *Código de Minas* (1963-1967). Estamos em um túnel, que aos poucos torna-se intensamente vermelho, reproduzindo a capa de *Código Nacional de Trânsito* (1971-1973), nos levando ao período da ditadura militar. Junto com os poemas do livro fortemente críticos ao Regime, que figuram na tela em primorosas animações, a leitura de Santa Rosa de um texto de Affonso nos mostra as apreensões e medos trazidos pela violência da repressão. O filme segue expandindo o território simbólico de Ávila levando-nos até Ouro Preto, para revelar sua proximidade com a arquitetura barroca, as ruas e ladeiras da cidade, como ele mesmo nos diz, “(...) tinha uma intimidade com cada canto da cidade”. É dessa intimidade que vemos o poeta lendo seus poemas em rigorosos enquadramentos nas belas paisagens barrocas. O lugar assume outros contornos, adensa a experiência poética e revela a força de sua história. É justo nas sequências de Ouro Preto que Affonso nos brinda com um texto inédito sobre a cidade que ele próprio trata de dar as direções como gostaria que figurassem as palavras na tela: “focalizar o texto e mostrá-lo em amplitude”. O texto, como não poderia deixar de ser, é de uma beleza e uma precisão desconcertantes e em sua inserção na tela revela a força da síntese em Ávila. “(...) Uma paisagem construída de mitos e cicatrizes fatalmente nos leva ao deslumbramento visual, ao recolhimento e reflexão (...)”. Assim como vimos com o poema que abre o filme no qual o nome do poeta ganha muitas variações, Eleonora Santa Rosa cria articulações visuais e sonoras, entre imagem e palavra, para nos mostrar a pluralidade da criação poética de Affonso Ávila. Somos convidados a entrar em sua produção não apenas como uma forma de compreendermos a função central da poesia no mundo atual, mas sobretudo para percebermos a força política da invenção poética e seu desafio histórico ao atravessar o tempo. Talvez seja importante, ao terminar este brevíssimo texto de apresentação do filme “Cristina 1300 – Affonso Ávila - Homem ao termo”, dizer de um imenso respeito, admiração e total empatia com o poeta. Eleonora Santa Rosa nos coloca em contato direto e profundo com essa obra poética para entre as imagens nos revelar de forma precisa e delicada um poeta engajado, irônico, bem humorado, sagaz e absolutamente brilhante em suas formulações. O filme nos convida a entrar nas derivas poéticas de Affonso e nos conduz a uma viagem repleta de surpresas como a divertida e quase desafinada performance de Ávila fechando o filme, nos deixando ainda com mais saudades.

Eduardo de Jesus é professor do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.



Affonso Ávila e sua poética insubordinada, demolidora de verdades históricas estabelecidas, em cena de Cristina, 1300. Foto: Divulgação

afrodísias

AFFONSO ÁVILA

esgueire-se mulher por este beco exíguo
 e retire ao final a placa rua sem saída
 os deuses generosos dão um átimo de vida
 pela permuta e desfrute da musa afrodite
 filha do sexo e espuma do mar
 e o mais é caminhar esquinado
 entre dobras de apelo e de charme
 isto é entre rampas da alegria
 bens caídos bençãos do céu de abril
 e a cada passo uma dança primeva
 evoluindo azul e nesgas de joias
 pendentes aos braços tornozelos
 e quantos a acompanham
 sussurram o amor contido
 camuflado de canto e anelo
 flagrar fim e sim não e quão
 a cada corrimão a cada escada
 o olimpo é um palácio de imaginação
 percorrer pós ela salas e labirintos
 transidos pela vontade
 e quem não há de perguntar
 numens ou homens onde estará
 a procurada a desejada a perseguida
 a que o tempo não tímbrá nem fenece
 e a luz da tarde aquece
 sol que não descamba e queima
 e teima seu calor e obnubila a noite
 lugar que restou ao poeta
 ainda a suar a trescalar
 o dia que se foi mas legou seu ímpeto
 esta é reta: o verso é o viagra do poeta

Poema extraído de livro inédito Descante deixado por Affonso Ávila

[Trailer oficial] Cristina, 1300 - Affonso Ávila - Homem ao Termo



DOCUMENTUM CRISTINA, 1300

- 1) Cartaz do filme *Cristina, 1300 - Affonso Ávila Homem ao Termo*
- 2) Material de divulgação do filme
- 3) Poema de Affonso Ávila
- 4) Affonso Ávila em cena
- 5) A Diretora Eleonora Santa Rosa e colaboradores
- 6) A Diretora Eleonora Santa Rosa

Trailer e fotos: Divulgação



